

# A VOZ DE MELGAÇO

Director e Administrador:  
P. JULIO HILARIO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas: Residência Paroquial - Melgaço  
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» - Braga

Chefe da Redacção e Editor:  
CARLOS ANTONIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00  
A N O XII

Melgaço, 1 de Novembro de 1957

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA  
N.º 151

## Enfim... Paris Terceiro dia, 1.º de Setembro

Eu não lhes disse na minha última crónica, que o nosso conterrâneo, José Augusto Cerqueira Afonso, de Alcobaca, ao entregar-me a sua oferta generosa, como aliás todas, para Santa Rita, me pediu fosse à sua terra celebrar quatro missas por alma de uma sua irmã falecida. Não lhes contei e tive pena, pois foi um gesto que me sensibilizou, este de um rapaz que trabalha em França, me lembrar dos seus mortos. A fé dos nossos rapazes!

Pois no dia 10, o segundo dos trabalhos em Paris, pela nossa veneranda Santa Rita, voltei de manhã, à rua do Bac, para celebrar a santa missa, na igreja onde apareceu Nossa Senhora da Medalha Milagrosa. Que bem que se está aqui nesta igreja, dirigida por religiosas de S. Vicente de Paula, sempre cheia de fiéis, homens, senhoras, rapazes, raparigas, vindas de todas as partes do mundo. Que bem que se está aqui...

E fui depois para casa, preparar-me para a visita aos meus amigos de Bagnolet.

Eu só poderia visitá-los de tarde, no fim de seus trabalhos. Teríamos assim mais tempo de conversar e não estaríamos sob a vista impertinente de algum patrão, mais zeloso do cumprimento dos horários. Aliás, em França, no geral, todos os patrões foram gentis, quando souberam que um sacerdote português ia visitar os seus conterrâneos.

De maneira que, tomado o pequeno almoço, fui para a sala de leitura da Fraternité Sacerdotale. Muitos diários, semanários e revistas. Oficialmente católico, apenas "La Croix". E este, vespertino, e pouco popular.

Lembrei-me da minha Arquidiocese. Em Paris, com milhões de católicos não é possível aguentar um diário matinal para a França, moderno, dinâmico, popular.

Por vezes em Portugal, encarecemos demais o trabalho dos nossos irmãos de além fronteiras e esquecemos o muito de bom que aqui se faz. Sim! Lembrei a minha diocese e o meu Prelado. Numa cidade de província, ao lado d um outro também diário, perto da cidade do Porto, com os melhores diários do país, há um diário da Arquidiocese. Uma voz, que está sempre ao serviço de Deus, sem ligações com o capital, os trusts com os movimentos da direita ou da esquerda, vermelhos ou brancos. E nestes tempos de apregoada democracia, em que tanto vale o voto de um lente da Universidade ou o Director de um Laboratório, como o de um honrado lavrador das serras da Gaveira, devidamente habilitado, a imprensa é uma trincheira insubstituível. Sim. Lembrei-me da minha arquidiocese. Feridos, enxovalhados, expoliados, pela monarquia de 1834 e pela primeira república de 1910, os nossos Prelados tiveram de começar quase do nada: seminários, residência episcopal, etc., etc.. E já hoje a Arquidiocese tem os seus colégios, disseminados pela província, os seus jornais, os seus salões de teatro e cinema, os seus seminários. E tudo isto, do nada ou quase e com esmolas.

Mas eu esquecia-me de que falava de Paris.

Pela tarde, saí e dirigi-me à gare de Saint Lazare.

E é curioso. Naquela estação, tão conhecida dos portugueses, notei que vários cavalheiros que passavam e olhavam-me de alto a baixo.

Não os conhecia e bem pena tive. Eram rapazes da nossa terra, de Melgaço. Em Saint Lazare veem-se muitos. E frequentemente. Deixam os trabalhos e veem a Paris tratar dos seus assuntos. Rápidos, leves como as andorinhas, eles aí vão. Os rapazes da nossa terra!

(Continua na 3.ª página)

No dia 6 de Janeiro *dia de Reis*, vai realizar-se na freguesia de Rouças o CORTEJO DOS REIS MAGOS, descendo estes, devidamente uniformizados, com sua comitiva, do Coto da Pena, até à Igreja.

Serão acompanhados dos carros da freguesia e música, havendo grande animação entre o povo.

O cortejo destina-se a apagar o novo harmónio, que CUSTOU 19.000\$00.

## Prada

ORA ASSIM... SIM!...

Foi com imensa satisfação que li em «Notícias de Melgaço» de 13 do corrente mês (a boa nova que de França nos dá o sr. Berto, dizendo-nos que os emigrantes que para ali foram ao «Deus dará», podem vir a Portugal, com passaporte de ida e volta, ao cabo de três anos a contar da data da sua inscrição no respectivo consulado. Ora assim...sim; pois de cinco anos para três, vão dois — que sempre faz sua diferença...

Logo, portanto, tinha razão — carraças de razão — o Mário, quando, em 17 de Abril p. p., aqui insinuou não crer serem precisos cinco anos de homizio aos emigrantes naquelas condições para poderem vir respirar os ares dos pátrios lares; e, ele, Mário, lá sabia os estribos em que se firmava... Sim, mas, apesar disso, nem por isso deixou de levar em público uma roda (disfarçada) de mentirosos e falsários... com o que — valha a verdade — ele nada se importa, nem quanto sabe que toda e qualquer acção, boa ou má, fica sempre com quem a pratica.

Ora...

Pois, sr. Gilberto, isso que nos conta já cá era sabido — e era-o sem ter sido preciso ir marcar entrevistas,

(Continua na 4.ª página)

## Bombeiros V. de Melgaço

subscrição pública para as obras do quartel, aquisição de uma ambulância e de um pronto socorro

Para conhecimento de todos os senhores subscritores, vem a Direcção da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários tornar público o resultado do pediditório efectuado em seu beneficio na freguesia da Vila.

Ao fazê-lo, manifesta a todos os senhores subscritores o seu sincero reconhecimento pela forma como corresponderam ao apelo que lhes foi feito e pede desculpa de só agora trazer a público o resultado da primeira campanha, o que se deve ao facto de ter sido um pouco demorada a cobrança de algumas importâncias subscritas.

Para os ilustres Srs. P.e Justino Domingues, Dr. Raúl César Machado, José Gomes da Cunha, Constantino Silva e Alferes Alcino Alberto Vieira a quem se deve o bom resultado alcançado, pelo empenho e dedicação de que deram provas no desempenho da delicada missão que esta Direcção lhe confiou, vão os nossos melhores agradecimentos.

A todos, sinceramente, muito obrigado.

E como a campanha tem de continuar, aproveita-se a oportunidade para levar ao conhecimento do público que já está aberta a subscrição da freguesia de Penso, pelo sr. Raúl Rocha, com a importância de 5.000\$00.

A Direcção

Mário Marques Ferreira Maquero  
Dr. Júlio de Lourdes Outeiro Esteves  
José Martins da Costa Lobo Maia  
Prof. António José de Abreu Pereira  
António Arsénio Gomes Pinheiro

José Esteves, 6.666\$00; Joaquim Domingues, 6.666\$00; Amadeu Abílio Lopes, 7.000\$00; Dr. António Durães, 5.000\$00; Manuel Lourenço, 2.000\$00; Manuel José Domingues, 1.000\$00; Comandante, Sargentos, Cabos e Praças da Secção da Guarda Fiscal, 3.000\$00; Ernesto Ferreira da Silva, 2.000\$00; Maria de Lourdes Carvalho, 50\$00; Aida Morais, 40\$00; Ildio Esteves Cordeiro, 300\$00; António Domingues, 20\$00; Constantino da Silva (Filho), 100\$00; Júlia Gonçalves, 20\$00; Dr. Augusto César Esteves, 500\$00; António Rodrigues (Macarrão), 20\$00; Manuel Pereira, 20\$00; Anónimo, 100\$00; Vasco da Gama Almeida, 40\$00; Ezequiel Val, 200\$00; Anésia Esteves Cunha, 100\$00; David Teixeira, 50\$00; João Correia Lima, 10\$00; Frederico Augusto Esteves, 10\$00; José Nabeiro, 10\$00; Francisco Alves, 10\$00; Viúva de António Pires, 100\$00; Manuel Luís Pires, 30\$00; Miguel Pereira, 40\$00; António Domingues, 40\$00; Amadeu Mendes, 10\$00; Manuel Oliveira, 10\$00; Manuel Luís Pires Júnior, 20\$00; João da Costa Lucena, 500\$00; Dr. Juiz Alberto Gomes Senra Malgueiro, 100\$00; Dr. Manuel Gonçalves Ribeiro, 100\$00; Adão Marinho, 200\$00; Horácio Lima (Novo),

(Continua na 4.ª página)

## Aos nossos colaboradores

DEVIDO A «ASIÁTICA» ESTE NÚMERO DE «A VOZ DE MELGAÇO» SAI COM ATRAZO.

O PESSOAL GRÁFICO ESTEVE DOENTE E NÃO FOI POSSÍVEL DAR PRONTO O JORNAL MAIS CEDO.

QUE OS NOSSOS AMIGOS NOS RELEVEM A FALTA INVOLUNTÁRIA.

# Da Vila

Outubro, 25.

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Alguém, conhecedor da nossa fibra bairrista e estranhando o nosso silêncio sobre a criação do neo-grupo futebolístico "Sport Clube de Melgaço", pergunta-nos se antipatizamos com esta modalidade desportiva.

Que não! Pelo contrário. Simpatizamos e muito, pois tal prática faz-nos recordar o tempo despreocupado em que eramos menino e moço; o tempo em que com outros da nossa igualha não nos cansávamos de dar pontapés numa rudimentar pelota de trapos, às vezes encharcada a pontos de pesar mais de cinco quilos. Então os dedos dos nossos pés tinham já criado calos *ad hoc*... e nem sequer se sonhava que nesta vila de tão gloriosas tradições ainda um dia havia de ser proibido andar descalço... Já lá vão bons trinta anos... bons tempos!

Mas... como fomos dizendo, não temos feito referência à criação e actuação deste grupo porque — que se nos perdoe o pessimismo... — não cremos na sua sobrevivência. E não cremos porque nós já somos da velha guarda, do tempo em que a pelota entrou em Melgaço como fruto exótico; do tempo em que o "Sporting Clube Melgaçense" se fartou de dar cartas a quase todos os grupos seus congéneres do Alto-Minho e a muitos da vizinha Galiza; mas... porque não pôde resistir ao *feitoço* do ambiente, sossobrou.

Depois deste aguerrido grupo, outros surgiram, como os "Rápido", "Unidos", "Comercial", "Vitoriosos", etc., etc., mas todos eles, como aquele, tiveram a efémera duração das rosas de Malherbe.

Causas...?

Só uma: — a falta de um campo de jogos, sem o que o futebol nunca será viável em Melgaço!...

Pois então "aquilo" lá no Monte de Prado, desabrigado, piso duro, longe, etc., etc., é lá um campo onde se possa praticar futebol...? — Claro que não!...

E' que por muita resistência física que tenham os respectivos atletas, ao cabo dum jogo bem disputado estes ficam, como se dizêr-se, com os ossos num feixe, quase incapazes de por seu pé regressarem a esta Vila, daí... a razão porque o Crispino não eré na sobrevivência do simpático grupo "Sport Clube de Melgaço"; no entanto, permita Deus que o seu prognóstico saia redondamente errado.

Crispino

*Para o Céu* — No pretérito dia 17, foi a enterrar um menino, filho do sr. Henriques Napoleão Gonçalves, industrial de sapataria desta Vila.

A Corte Celestial ficou, assim, enriquecida com mais um anjo, o que é motivo para amenisar a dor de seus inconsoláveis pais.

*A gripe*... —...asiática ou não, também já por cá anda. Como, porém, se apresenta com carácter benigno e não resiste a dois ou três dias de cama com a terapêutica dum "cozimentos"... é muito provável, tratar-se da vulgar gripe de Linéu e não da "Singapura"; mas disto quem sabe a valer são os Ex.mos clínicos que não nós, leigo rematado na matéria, pelo que o prezado leitor se sentir arrepiado de frio, dores musculares, etc., etc., deve dirigir-se imediatamente aos médicos.

*O milho*... —...da presente colheita rende algo menos do que o da do ano findo; daí, segundo se nos diz, estar-se já a pedir 10\$00 pelo meio decalitre.

Pode lá ser milho a resumir água a 2\$20 o quilo...! Não temos a certeza nem cremos que assim seja; mas, caso afirmativo, a autoridade administrativa deve intervir, pois por este *começo* a como o pagaremos no verão?... De resto o franco foi desvalorizado, além de que nem toda a gente aqui é francesa...

*E o vinho*... —...velho está intragável, daí o vender-se o novo, por aí, à sucapa, a 3\$00 o litro, o que, valha a verdade, não deixa de ser um lindo *começo* também...

Ah! mas quanto a vinho... que ninguém se aflija com este problema, pois a ninfa das nossas fontes é-lhe vantajoso sucedâneo.

*O tempo e a agricultura* — Continua o tempo seco, o

## Rouças, 25

De visita a sua família, do Preto, esteve nesta freguesia, onde já era esperado, desde o mês de Janeiro, o Sr. P.e Agostinho Cardoso, natural do Pará, Brasil, e filho de pais portugueses. Seu pai era do Coto do Preto.

O Sr. P.e Agostinho, que se ordenou no ano transacto, ao serviço da prestimosa Congregação Salesiana, veio celebrar a santa missa na capelinha do Preto, pertencida da família e teve ocasião de reunir então à sua volta a numerosa família de Rouças, que lhe foi apresentada. No domingo, vinte, celebrou a santa missa na igreja de Santa Rita e nesse mesmo dia presidiu à procissão eucarística da igreja paroquial ao Coto da Pena. O Sr. P.e Agostinho foi hóspede do nosso amigo, Sr. Francisco Cardoso, do Pomar das Adegas. Daqui partiu para Braga, a cumprimentar seus parentes, os Srs. Padres António e Júlio Vaz, aproveitando a ocasião para visitar Braga e to Salmeyro. Daí partiu para Roma, onde vai formar-se em Direito Canónico, na Universidade Gregoriana.

Sua família rodeou-o de todo o carinho e esperat-se que para o ano volte a passar aqui uns dias, de regresso de Roma.

ao Sr. P.e Agostinho, agradecemos o prazer da sua visita.

—Partem brevemente para a França os nossos amigos, José Bento de Cabreiros, Manuel Almeida, de Cavaleiros e José Francisco de Araújo, da Cabana. Que tenham boa viagem e logo regressem a suas terras, para descansar do seus trabalhos.

—Foi, há dias, celebrada a santa missa por alma de António Alves, de Paço, na igreja matriz, tendo assistido sua família. Foi mandada celebrar por sua filha, ausente no (Brasil, sra. D. Deolinda.

—Tem-se realizado todos os dias, com grande concorrência de fiéis, o mês do Rosário.

que se por um lado é favorável para a recolha do "São Miguel", por outro lado é desfavorável para as ervas e pastagens, que sem água não saem da terra. Os gados estão pessimamente quanto a passadio...

—Agora, aos interessados, lembramos que em Novembro podem semear: — alfaces de inverno, cebolas, cenouras (só no principio do mês e em sítios quentes e abrigados), couves diversas (excluindo repolhos, couve-flor e bróculos) ervilhas, favas, nabos, nabijas, rabanetes e salsa. Também podem semear: giestas, tojos, pen-nisco, aveia, cevada, centeio, trigo, trevos e tremoços.

—Plantam-se morangueiros, videiras e árvores de toda a espécie.

De Santa Catarina (25) ao Natal o tempo é igual.

## Parada do Monte, 26

Terminaram as vindimas com mais ou menos metade da produção do ano passado. Mas em compensação de muito melhor qualidade.

*Nascimento* — No dia 18 deu à luz uma criança do sexo feminino a sra. Delmira Pereira, esposa do sr. Manuel Martins, do lugar de Cortegada.

—No dia 22, uma menina, a sra. Rosa Pires, esposa do sr. Justino Pires, do lugar da Trigueira.

—E no dia 24, outra menina a sra. Isaura Rodrigues, do lugar do Casal.

*O Tempo* — Continua o tempo seco. Não há meio de chover. Os pastos estão competentemente secos. Os moinhos não têm água para moer. Há muita gente que está substituindo a brôa por trigo, por não ter onde moer. Ainda a maior falta que se sente é a falta de farinha para os cebados, o que não morreram.

Está-se procedendo as esfolhadas dos milhos, para isso é que o tempo vai bom. Também os milhos vão para o canastro mais secos do que o ano passado, o que faz com que não minguem tanto nos canastros, e evita-se depois ter que deitar fora dos canastros novamente para lhes tirar o que lá ganham. Parece que a colheita deste ano é mais abundante do que do ano passado. —C.

## S. Paio, 28

A passar uns dias no lugar de Requeijo, viados de França, encontram-se os srs. Manuel de Carvalho e Joaquim Pereira.

—Partiu para França, depois de ter passado no convívio familiar alguns meses, o sr. Manuel António Baptista, da Rasa.

—Começou o trabalho do repovoamento florestal na zona do Outeiro Escuro, por cima da Carvalha Furada, a cargo do guarda florestal sr. António Carpinteiro, da Rasa.

—Quase todos os caminhos desta freguesia estão uma vergonha. Parece uma freguesia abandonada, pois, pelo que se vê, julgamos não ter quem zele os interesses paroquiais.

—Reabriram as aulas, havendo bastante frequência.

—Festejou-se, no dia 27, na capela de Santo André, Nossa Senhora da Vista, havendo arraial, na Costa, de tarde. —C.

## Chaviães, 20

Estamos próximos ao 3 de Novembro, dia em que se vão realizar as eleições para deputados à Assembleia Nacional. Nós, povo de Chaviães, continua-mos fiéis ao actual regime que tem a dirigir-lo o grande sábio Dr. Oliveira Salazar, pois foi ele que salvou o nosso país da ruína, pois que, no anterior regime só reinava a desordem e o assassinato, a miséria, frutos da liberdade, que infelizmente ainda muitos a desejam. No actual e magnífico regime, reina a paz e o respeito por tudo e todos; há ordem em todos os sectores da vida nacional. Há um grande número de melhoramentos que causa admiração a todo o mundo; e há liberdade para todos, porque cada qual pode dispor de si e do que é seu, como melhor o entender, com o devido respeito para todos. Mais liberdade é-nos prejudicial, porque o temperamento de muitos portugueses, não se coaduna com alguns factos da política. Não somos como os Americanos e ingleses, onde os vencidos abraçam de boa disposição os vencedores. Procederão da mesma maneira os vencidos para com os vencedores no dia 3?

Portanto, não nos esqueçamos, povo de Chaviães, de que além de muitos e grandes benefícios que o nosso país tem recebido do actual regime, outros temos mais importantes, dentro da nossa freguesia e que lucros sem fim nos dão, são a nossa estrada, a nossa igreja, o edificio escolar, onde há o máximo conforto para as nossas crianças, e ainda o nosso reservatório em bom caminho para a sua construção... Seríamos tão felizes com outro regime?

Duvido que não. Por tudo isto espero que todos nós vamos dar o nosso voto por este regime da presidência do Sr. Dr. Oliveira Salazar e seus ilustres colaboradores, como já o temos feito, dando-lhe cada vez mais prestigio e pedindo-lhe que, com a ajuda de Deus, continue a frente dos destinos do nosso querido Portugal.

*A nossa estrada* — Continuam os trabalhos para a conclusão da mesma sob a direcção do hábil empreiteiro Sr. Baptista, que a estas obras vai dedicando a sua máxima atenção. Estão pois de parabéns os que se deslocam pelo meio mecânico, bem assim todo este povo que muito lhe agradece.

Outro melhoramento que muito em breve vamos possuir é o restauro do Santuário do Senhor do Socorro no lugar das Lajes, pois fui informado oficialmente por uma alta personalidade do nosso concelho, muito amiga do povo desta freguesia, que muito em breve iam começar as respectivas obras; e ainda outro grande melhoramento, e este já projectado. O nosso reservatório; pois no próximo sábado, 26 do corrente, já mais uma reunião dos herdeiros da água da Caudouza e esta a realizar numa das salas dos Paços do Concelho, para esse fim requisitada superiormente. Presidirá uma alta personalidade do nosso governo, que dará e receberá as informações julgadas úteis, afim de continuarem as demarches para a respectiva construção. A quem devemos agradecer tudo isto? Sempre às ilustres autoridades Estaduais e municipais colaborando sempre com elas, dando-lhe o nosso apoio sempre que precisem, porque são de facto nossos amigos.

IDEM, 25

*Casamento elegante* — Realizou-se ontem, na igreja Matriz desta freguesia o enlace matrimonial da prezada menina Palmira Rosa Alves, dilecta filha do sr. Anibal José Alves (Nogueira), já falecido e da sra. D. Rosa Cândida Pinto, com o sr. Manuel José Pinto, zeloso guarda da P. S. P. em exercício na Foz do Douro, filho do sr. António José Pinto, já falecido, e da sra. D. Teresa de Jesus Alves. Presidiu ao solenecto o Rev. D. P. Alberto Pereira, digno pároco desta freguesia. Parafinaram por parte da noiva a menina Beatriz Emilia Reinales, aluna do 6.º ano do Liceu de Braga e o sr. Carlos Manuel Pinto e por parte do noivo o sr. António Vasques Pinto e a sra. D. Maria dos Reis Esteves. Findas estas cerimónias e seguidos de luzido cortejo dirigiram-se os novos esposos para a residência dos pais da noiva onde foi servido um lauto banquete, durante o qual foram ovacionados com prolongadas salvas de palmas pelos numerosos assistentes. A este novo lar cristão, que ambos são dotados de excelentes virtudes, desejamos um futuro cheio de felicidades.

*Regresso* — Para a capital francesa, onde há muitos anos trabalha, regressou o

## De Castro Laboreiro

*A minha freguesia!* — Ao ler a carta que no jornal de «A Voz de Melgaço» se encontra dirigida pelo nosso querido e esmerado Pároco, Sr. P.º Anibal Rodrigues aos seus queridos paroquianos senti-me deveras contente e orgulhosa por pertencer a tão humilde, e por vezes simples freguesia, que fazendo parte de uma talvez das mais lindas provincias do (nosso Portugal, jardim à beira mar, plantado, senti necessidade de nela falar.

Esse pequenino recanto que me viu nascer e me vê crescer é Castro Laboreiro, a minha terra natal.

Tem de facto, esta agreste terra, causado a admiração a muitas outras que, fazendo parte da mesma diocese, concelho e distrito e Província, a chamem com inveja.

Foi nesta humilde freguesia que eu comecei a balbuciar a trilogia que no coração de uma inocente criança foi gravada e que deve ser conservada pela vida fora.

Foi ainda nesta para mim muito querida freguesia, que eu, no regaço de minha bondosa Mãe, aprendi a orar confiadamente. Aquele cujo nome me era conhecido pude dizer-se desde os primeiros instantes, a vida a verdadeira vida, a vida da graça ou seja, que me alistei na grande família, a Igreja Católica.

*A Minha Mãe Divina*, isto é que me fiz Cristã quando na hora suprema das cerimónias do meu Baptismo desceram sobre mim as três Pessoas Divinas — Pai, Filho e o Espírito Santo. O Pai, que nos criou, o Filho que nos remiu e o Espírito Santo que nos santificou. E vou continuar a acreditar os meus sentimentos para com a minha querida freguesia, Castro Laboreiro.

Amigos conterrâneos: o

nosso grande amigo e estimado assinante, sr. Carlos Manuel Pinto, que aqui junto de suas queridas famílias passou umas apreciadas férias.

*Vindimas* — Terminaram estas com tempo magnífico, razão por que o vinho é superior. A produção foi metado do ano passado. Vainos a ver se o preço vai compensar-nos.

*Epidemia Asiática* — Grasa com alguma intensidade nesta freguesia, estando algumas pessoas já de cama, mas graças a Deus por agora é benigna.—C.

que aconteceria quando sobre mim pesaram os meus sete anos? Um das maiores alegrias que eu pude sentir. Nesse dia o Sol para mim parecia brilhar mais do que nunca por entre os cerros das freguesias mortas. O dia da minha Comunhão, o dia em que eu já filha de Deus, desde o dia do meu Baptismo, recebi pela vez 1.ª o corpo e sangue, desse mesmo Deus — Jesus Cristo.

E depois, quando frequentava uma das escolas da minha querida freguesia, ouvi aos poucos dias que assistia às aulas da minha esmerada mestra pronunciar as palavras que eu quando subi os 1.ºs degraus da minha bendita Escola vi afi-

xadas nas suas rústicas e musgadas paredes em caracteres bem legíveis e distintos mas que eu não podia decifrar — Deus, Pátria e Família. Oh! Como eu admiro a minha terra, terra para mim sem rival.

Admiro-a também pelo seu panorama, cujo arvoredo abarregando pouco mais que urzes e sobretudo carvalhos de copadas folhas, proporcionava deliciosas e amigas sombras dos seus frondosos ramos, oferecendo-os tanto ao pobre como ao rico, tanto ao caminhar como ao avarento. E depois de tudo isto, amigos conterrâneos, agradeçamos ao nosso querido e esmerado Pároco a sua atenção para os seus paroquianos e beijando-lhe respeitosamente a mão.

Da paroquia de M. F.

## Enfim... Paris

(Continuação da primeira página)

Tive então o prazer de encontrar o velho amigo Gilberto Cardoso, que há tempos não via. Era o mesmo. Cheio de esperanças, de optimismo, dirigia-se, se a memória me não atraíça, de Nanterre, para Bomby, a procurar trabalho mais proveitoso. (A gente da nossa terra desloca-se com extrema facilidade para conseguir trabalho mais rendoso. Foi para isso que partiram de olhos postos nos seus...)

Pois o nosso amigo Gilberto Cardoso, foi de uma amabilidade captivante para com este sacerdote, que da sua terra ia a visitar a operosa e gentil colónia melgaçense. Fomos a um café e conversamos por largos momentos, já que o tempo no-lo permitia. E Gilberto Cardoso, que ainda há pouco tempo, relativamente, seguira para França a trabalhar, entrega a generosa oferta de 3.000 florinhas para Santa Rita. 3.000! E no seu rosto, com as saudades da nossa terra, eu pude ver a gratidão e o amor pela nossa veneranda Santa. E todos fariam o mesmo. Quase todos. Saudades e gratidão.

O meu companheiro inesquecível, de dois dias, que me havia de levar pressuroso e cheio de requintes de amizade, até junto dos rapazes da nossa terra, seria o Manuel Meixeiro, dos Lourenços, S. Paio. Não posso esquecer esses dois dias, que o Manuel Meixeiro, quis passar comigo.

Mas o Gilberto fora também numa grande missão, preparar o terreno noutros centros de trabalho, nos arredores de Paris. Não podíamos perder nada. E a causa precisava de todos os apóstolos. E Gilberto Cardoso foi-o.

Na companhia de Manuel Meixeiro, agora casado em França, não sei se ainda naquela estância de Garches, chegamos a Bagnolet.

Bagnolet! O triunfo de Bagnolet! Um dos grandes dias que passei em França!

Os rapazes da nossa terra eram na verdade, uma formosa colmeia, bulhosa, trabalhadora, por aqueles andares acima, de prédios em construção. Era vê-los, seguros do seu papel, entregues à sua tarefa, tornando mais rica aquela nação que os recebera.

E deram-se cenas picarescas. O António Durães, de Oleiros, voltava de fora, cansado do trabalho diário, e de fazer as suas compras... Não sabia que eu estava ali, na sua terra de trabalho. Obrigam-me a recolher e a guardar silêncio. — Durães! Vais preso; está aí a guarda!

E logo os companheiros a insistir: — vais preso, vais! está aí a autoridade.

Coitado, o Durães não se teve por mais tempo, perdeu a paciência e parece (mas vocês não o digam a ninguém) que disse duas palavras fora do vocabulário do costume. Eu fechei os ouvidos...

— O Durães entrou, achou muita graça, pôs-se com (Continua na 4.ª página)

## Enfim... Paris

(Continuação da 3.ª página)

pletamente vermelho e pagou, cheio de alegria, a multa de 5.000 francos, que generosamente ofereceu a Santa Rita. Todos riram... Eu não podia.

Ali encontrei o José Soares, de Loviô, o António, da Eira, ainda pequenino, mas com uma soma avultada de capital na Eira, o Aníbal Meleiro, o António Sérgio e outros, muitos outros. Mas o António Barreiros, da Picota nunca mais me deixou naquele dia. Ainda, há pouco, para a festa de Santa Marinha, só ele deu 400\$00 e recomendou que, se fosse preciso mais, já sabiam a sua direcção.

E os rapazes de Chaviães?... Apenas me viram, lá da sua barraca, foi uma chilreada enorme. Parecia uma revolução.

Eu não sei que há em Chaviães, que todos, todos, gostam de ajudar as obras de Santa Rita. O meu querido Amigo, sr. Coelho, das Finanças, organizara uma lista de conterrâneos, com as respectivas direcções e recomendou-me: — visite-os a todos e verá como se não arrepende. E não. Se vissem, como Chaviães me recebeu... Fui à sua barraca. Junto das suas camas, que eles mesmos fazem, como quase todos os rapazes que para lá vão trabalhar, eu vi lindas imagens, santinhos, piedosas e saudosas recordações das suas comunhões, da sua igreja e do seu pároco... Com eles estava um operário italiano, natural de uma terra, junto de Cássia, a terra de Santa Rita.

Foram rápidos os momentos que ali passamos, mas foram bastantes, pois aqueles nossos amigos não me consentiram que saísse, sem me sentar à sua mesa e tormarmos o lanche. Pois então. Falamos uma vez mais das nossas terras e pediram-me que visse onde me encontrava. Realmente, aquela barraca parecia-se um pouco a uma ilha. Também estava cercada de água!

Estamos na Penitenciária, Sr. Padre. Levantamos pela nossa terra, pela nossa gente, por Santa Rita.

Que amigos! Que amáveis os rapazes de Chaviães! FNão encontraria por toda a França, nenhum rapaz daquella freguesia, que me não desse generosamente para Santa Rita.

S. Paio, também como de costume, em temperatura está sempre bem! Eram bastantes os que ali estavam. E o peso das suas ofertas fez-se sentir no fim daquella abençoada dia. Houve rapazes que ofereceram 10.000 "florinhas". Mas S. Paio é sempre assim. Esta obra deve-lhes muito. Não se faria tão depressa, e com tanta beleza, se não fosse o seu sacrificio. Aquellas raparigas da Carpinteira, perguntando quando havia mais transporte de material para o Santuário a levar... Aqueles cortejos, tão volumosos, a subir a caminho da Eira... Sim. Esta obra deve muito a S. Paio. E estavam ali bem representados os seus filhos, os filhos de S. Paio. Também ali estavam trabalhadores de Couso dessa freguesia que havia de encontrar pela França além recebendo de todos, com as suas palavras amáveis, as suas generosas ofertas.

Também tive o prazer de encontrar e cumprimentar rapazes da Gave. Esta freguesia fica já um pouco longe do santuário e por isso não admira que não fossem muitos os que se lembram de suas ofertas. Mas estas coisas hão-de ir com o tempo. E se não vão tomando nota...

Foi uma grande jornada esta. Pelo carinho, com que todos me receberam e pelo muito que se juntou para ofertar à nossa querida Santa Rita, nada menos que 104.000 florinhas.

E sobretudo a franca alegria de todos, a franca alegria de dar e de abraçar um sacerdote da sua terra. Rouças, Chaviães, S. Paio, o Fausto, o Augusto Lagendo e os mais novos o Durães e o Travessa. E o grupo do Joaquim da Costa, irmão e filhos. Também não me deixaram vir, sem me sentar à sua mesa e comer. E apesar da muita pressa que tínhamos, tudo se fez com calma, lembrando sempre as nossas terras, as nossas famílias e as nossas igrejas, sim as nossas igrejas. Um sacerdote com amigos da sua terra, tínhamos também de falar das nossas igrejas e de Deus. Abençoada gente esta.

Quando viemos jantar, eram 22 horas. O António Barreiros, o Manuel Meixeiro e este criado de Vossas Excelências.

Manuel Meixeiro viria comigo até perto de casa. O Barreiros, depois de recomendar ao Manuel Meixeiro, que me não faltasse nada, despediu-se e foi para sua casa.

O António Barreiros cumpriu com o seu pároco, honra lhe seja.

Bagnolet! Pantin, como vos recordo. Rapazes, que tanto acarinhestes o vosso conterrâneo e amigo, como vos lembro e vos recordo.

## Prado

(Continuação da 1.ª pág.)

mirabulantes — chamaram-nos a um banal pedido de informação... — com o Exmo. Consul de Portugal em Paris, etc., etc.

Mas olhe, sr. Gilberto, em todo o caso, não tome por oiro de lei as informações que lhe prestaram, pois embora (lhas tenham dado de boa-fé... podem as mesmas não passar de reles laf-tão, porquanto as coisas são o que são e não lo que elas parecerem ser, nem mesmo o que se quer que elas sejam. Entendamo-nos: —

A emigração clandestina é crime previsto e punível pelo Código Penal, a que não corresponde pena maior, e como tal só prescreve ao cabo de cinco anos de homizão. E, demais, acresce, que, regra geral, nenhum emigrante clandestino, quando sai, regulariza a sua situação militar, como precei-

tuam as respectivas disposições regulamentares; daí... Tome boa nota da lição: zinha...

Com 79 anos, faleceu, no passado dia 21, em sua casa de ao pé da Igreja, a sr.ª minguês, viuva de António Joaquim Dias e filha de Francisco José Domingues (Ferreiro) e de Maria Delina Pereira da Gama.

Porque a pranteada extinta gozava da geral estima e simpatia, o seu funeral que se realizou no dia seguinte, foi extraordinariamente concorrido.

Paz à sua alma e sentidos pesames aos doridos.

— Regressaram definitivamente de França os irmãos Rafael e Jorge (da Rocha). Porque não leram o meu artigo publicado em «A Voz de Melgaço» de 1 de Abril p. p., à chegada, aconteceram-lhes uma série de percalços mais ou menos aborrecidos.

## Bombeiros V. de Melgaço

(Continuação da primeira página)

20\$00; Maria Cunha, 1.000\$00; Dr. Henrique Fernandes Pinho, 500\$00; Artur Passos Teixeira, 1.000\$00; António Augusto Paço, 500\$00; José Joaquim de Almeida (Barbosa), 30\$00; Dr. António Cândido Esteves, 100\$00; José Félix Igrejas, 200\$00; Abrigo Abreu Cerqueira, 200\$00; Arlindo Vilas, 30\$00; M. T. C., 50\$00; Augusto Igrejas, 10\$00; Augusto Félix Igrejas (Pai), 20\$00; Augusto da Rocha e Sá, 50\$00; Henrique César Esteves, 25\$00; Dr. João Durães, 500\$00; Albertino Domingues, 50\$00; António Fernando Salgueiro da Mota, 20\$00; Fernando Nabeiro, 20\$00; Manuel Igrejas, 50\$00; Amândio Antunes, 20\$00; Oscar Marinho, 50\$00; Dr. Carlos Rocha, 200\$00; Dr. José Abreu, 100\$00; Herculanio Arsénio Gomes Pinheiro, 100\$00; Armando Mota Solheiro, 50\$00; Carlos Francisco Ribeiro Lima, 100\$00; José Augusto Esteves, 100\$00; Dr. Sérgio da Silva Saavedra, 100\$00; António José M. Duarte, 500\$00; Oscar Augusto Marinho Júnior, 7\$50; Alfredo Esteves Pereira, 10\$00; João Cândido da Rocha, 10\$00; José Gomes Armada, 50\$00; Manuel Ribeiro Coelho, 20\$00; Alberto Rodrigues Rego, 20\$00; Armando Gonçalves, 20\$00; Luís Cerdeira, 50\$00; João Rodrigues Nabeiro, 50\$00; António Augusto Cerdeira, 50\$00; João Lourenço, 50\$00; Manuel G. Malheiro, 20\$00; Ana Barros, 100\$00; José Maria Pereira, 1.000\$00; António Pedro de Lima, 300\$00; Manuel Lourenço de Lima Júnior, 100\$00; António de Faro, 20\$00; Armando Hernani Balexio, 20\$00; Augusto Miguel Domingues, 20\$00; Manuel Nunes de Castro, 200\$00; Maria José Saraiva, 10\$00; António Regueira, 20\$00; António de Araújo, 20\$00; Aurélio Barros, 50\$00; Alberto de Sousa (Carrico), 50\$00; Eraclito Nunes de Castro, 20\$00; Prof. Manuel Rodrigues e Família, 400\$00; Prof. Ascensão Afonso, 50\$00; Raúl Ferreira Cardoso, 100\$00; Manuel José Alves, 20\$00; Justiniano Gonçalves Ribeiro, 20\$00; António da Conceição Carvalho, 20\$00; Abel da Rocha, 20\$00; Lucinda Cândida Valas, 20\$00; Narciso Esteves, 30\$00; Reinaldo de Almeida, 20\$00; Emiliano Augusto Igrejas, 20\$00; Aida Bermudes, 20\$00; Henrique Lucena, 50\$00; Gaspar de Oliveira Figueiredo, 20\$00; Feliciano Jesus Rodrigues, 20\$00; Gaspar Magno Ferreira de Castro, 100\$00; António de Sousa, 10\$00; Rodolfo Amadeu Fernandes, 50\$00; Filipe de Araújo, 50\$00; Francisco de Sousa Cardoso, 50\$00; Luísa Alves, 50\$00; José António Lourenço, 500\$00; Maria Emília Durães e Irmã, 100\$00; Raúl de Sousa, 20\$00; Guarda Fios Moreira, 10\$00; Fabiano Rodrigues, 50\$00; Mário Maduro, 100\$00; José António G. Bernardo, 20\$00; José Gomes da Cunha, 100\$00; Dr. César Machado Duarte, 50\$00; Constantino Silva, 60\$00; Júlio César de Sousa, 20\$00; e António Manuel Fernandes, 10\$00.

Total, 45.794\$50.

Enfim, parece que em França há muita coisa boa, mas... não há verdade como o nosso.

— Também regressou do mesmo país o sr. Júlio Joaquim de Barros, mas este parece que veio fugido à acção perniciosa da «gripe asiática», que pelo visto, tem-se ali abateado de fazer das suas. Lá como cá...

— Pelo mesmo motivo, foi obrigado a vir (passar oito dias de férias extraordinárias junto dos seus o jovem Cândido Rodrigues (de Abreu, seminarista em Braga).

— Também está na Ficoa, em gozo de merecida licença, o nosso prezado amigo Alberto Marques, digno soldado da G. F. em Gaia.

— Com sua mulher e filhos, deve partir brevemente para um dos colonatos de Ultramar Português (o sr. José Fernandes da Silva, lavrador-caseiro do sr. José Maria Pereira).

Esta família, que é oriunda de Ponte da Barca, para aqui veio, há cerca de dez anos, como caseiros do nosso revêdo Abade, e, pelo seu porte, correcto e honesto, bem como o pelas suas qualidades de labor, pronto se tornou credora da estima e consideração gerais.

Pois que sejam felizes e o que muito lhes desejo.

— Ao Porto, onde foi assistir ao casamento de sua filha e homónima Beatriz, foi a sr.ª Beatriz Mendes Pinto.

— E de visita aos seus acaba de chegar o nosso particular amigo sr. Justiniano Augusto Gomes, digno cozinheiro em Lagos que se faz acompanhar de sua Esposa. — C.

P. S. — Acabara de escrever esta carta quando chegou aqui a infauista notícia de ter falecido no Porto em consequência de um brutal desastre de viação, ocorrido pelas 2 horas de hoje, junto à Ponte de D. Luís I com o automóvel que conduzia, o sr. Hermenegildo José Domingues, de 32 anos, residente em Quebrantões, Gaia, filho do sr. Armando José Domingues e de sua mulher sr.ª Gracinda de Jesus Rodrigues, do lugar da Barronda desta freguesia, triste acontecimento que aqui foi muito sentido.

Aos inconsoláveis pais e mais família enlutada, os meus sentidos pesames. — C.

# A VOZ DE MELGAÇO

Director e Administrador:  
P. J. CLIO HILARIO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas: Residência Paroquial - Melgaço  
Propriedade e impressão de: Empresa do Diário do Minho, Limitada - Braga  
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:  
CARLOS ANTONIO VAS

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00  
ANO XII

Melgaço, 15 de Novembro de 1957

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA  
N.º 155

## Paris!

11 de Setembro de 1956.

A manhã deste dia, o terceiro que passei na cidade da luz, trouxe-me à minha alma e ao meu coração o dia da véspera, de Bagnolet e Patin. Fôra, na verdade, um triunfo para Santa Rita!

O dia de hoje, também foi de glória. E senão vamos ver... Pelas onze horas, o bom amigo e companheiro, de dois dias, o Manuel Meixeiro, dos Lourenços, voltou a aparecer em Saint Lazare, cheio de vida, de euforia. Aqueles dois dias eram seus e os triunfos haviam de dever-se-lhe em grande parte. Pois o Manuel Meixeiro deixou de trabalhar dois dias, o que em França representa muito dinheiro. E veio.

Primeiro, fomos combinar serviços ali, num café junto da estação de caminho de ferro. E tudo combinado, resolvemos procurar ao Laurentino Alves, meu paroquiano, um rapaz alto, de boa constituição física, de Eiró. Pois o Laurentino vivia para os lados de Malakof. E fomos a Malakof. Mas não estava. Nem o Soares, de Loviô. Deixamos um pequeno bilhete na caixa de correio a anunciar que já andávamos em sua procura e partimos.

Quantas vezes eu voltaria depois sôzinho a Malakof, à procura do Laurentino. Ninguém me dava sinais dele. E só mais tarde, eu soube que o meu amigo, de tão boa constituição física, alto, vermelho, e de seu natural bondoso, não se encontrava já em Malakof, mas no hospital. O que são as coisas...

As 13,30 estávamos a almoçar numa pensão de Paris. Isto de almoçar em Paris é um caso sério, para quem leva o dinheiro contado. Almoçar ou jantar... Mas o leitor amigo não tenha receio, quando ali chegar. Nós também almoçamos e quis a generosidade do Manuel Meixeiro que eu não pagasse as despesas, como era natural. Não me consentiu. E' preciso ir lá fora, para se ver mais de perto ao que chega a riqueza do coração da nossa boa gente de Melgaço.

As 15,30 estamos no combóio, que partiu rapidamente para Versalhes. E eu então que tanto gostava de ir a Versalhes...

Em pouco tempo o combóio nos levou ali. Fomos procurar os nossos rapazes, mas ainda era cedo para lhes falarmos, pois estavam todos no seu trabalho. E foi o caso que, andando à sua procura, ouvimos de repente alguém que nos chamava lá do alto dos andames de uma casa em construção. Eram eles os rapazes da nossa terra. Alguns desceram cá abaixo e abraçamo-nos. Tínhamos ali afinal alguns amigos da nossa terra. Mas seria melhor que, no fim do trabalho, nos juntassemos todos e foi o que se fez.

No entretanto, fomos visitar o palácio, o rico e sumptuoso palácio de Versalhes, tão cheio de recordações históricas, para a França e para o mundo. Aguardamos a nossa vez para entrar. E um guia, quando os visitantes já eram em número suficiente, guiou-nos e acompanhou-nos pelas salas, salões, corredores e capela do palácio, tudo explicando minuciosamente. Em dada altura porém um dos nossos companheiros advertiu o nosso amável guia de qualquer lapso, e que ele agradeceu gentilmente. Ficamos um tanto surpreendidos. Mas todo o incidente foi rápido e fez-se de parte a parte com réquintes de gentileza.

Não nos propuzemos, nestas breves notas, fazer uma descrição de viagem de turismo, pois já ficou dito que não fui a França com esse fim. Essa viagem ficará para mais tarde, se Deus quiser.

Mas tudo neste palácio é grande, tudo. Como grandes

(Continua na 3.ª página)

## Cartas ao Director

Ex.mo Senhor Director da «Voz de Melgaço»

Encontrando-me neste dia no campo de aviação; e como é domingo, tenho tempo de passear e ver estes dois ditos lugares da montanha.

Ora como fui criado na lavoura, gosto de apreciar, da maneira que se trabalha aqui a lavoura. E' feita por meio de grandes tractores, para puxar os arados; e estes arados, cada um tem seis e sete hastes; quer dizer, de cada vez viram uma largura de terreno de três metros. Depois da terra ser lavrada, lá vem outro tractor com um aparelho para preparar a terra.

Um homem, só, e sentado, sem se cansar, cultiva uma freguesia.

Depois de ver estes lugares como já disse electrificados; encontrei ainda mais a linda hygiene pública; o seu grande tanque no meio do seu lugar, um tanque para beberem os animais; outro pegado ao mesmo para lavar e a sua linda torneira dourada e pública.

Vamos lá ver o que há na nossa freguesia de Rouças. Quantos fontanários públicos há? Vamos lá nomear alguns lugares por esta vez. Lugar da Igreja, não tem água pública. Servem-se duma mina pertencente à família Gonçalves; e essa mina passa mesmo por baixo do cemitério. Será água própria? Não é imprópria?

Se por acaso se dá um incendio, é deixar arder tudo.

Outros lugares — Vinha de Cima; Cerdedo, Tilheiros — esses é que tem um bom fontanário: têm que as mulheres esperarem que os animais saiam e que a água se ponha clara.

Lugar de Surribas, quando é no inverno e desce a levada do Ranhadouro tem água com furtura e essa, de vez em quando, lá traz gatos mortos e outros animais. Mas quando chega o 15 de Julho que a água é partida, lá tem que as po-

bres das mulheres ir às propriedades dos outros roubar a água para fazer o seu caldinho.

Lugar de Requeijo: lá vão buscar a sua água a um quilómetro de distancia, à dita fonte do ouro, no inverno; no verão 'ela seca tem de fazer igual como o lugar anterior.

Lugar de Oleiros: esse tem que as mulheres ir de campo em campo, descer muros e subir tanuros, com os seus cântaros à cabeça. Quando chegam a casa arzes querem deitar-se de que fazer o caldinho, de cansadas que vem.

Depois de vermos nós os que trabalhamos no estrangeiro, estes lugares nessa terra montanhosa que nada lhes falta, que diremos da nossa esquecida freguesia de

(Continua na 3.ª pág.)

## Na encruzilhada do destino

Novela por Gabriel Dinis

I

Terra linda e pequenina como Melgaço...

Os dois homens continuam escondidos, nesta fria e chuvosa noite de Dezembro, silenciosos e atentos.

—Ora esta, Gonçalo! — murmura, a certa altura, um deles, impaciente — tão tarde e nós ainda aqui emudos e quedos como pedregal, assim como se fôssemos pobres penitentes. Sempre gostaria de o ver...

—Para isso estamos neste sítio, senhor — obtemperou o interpelado — luas se o tal fantasma não aparecer... paciência! Esperemos, contudo, um pouco mais.

(Continua na 4.ª pág.)

## Escolas da Vila

O dedicado autor da carta da vila aborda no presente número o problema das escolas da Vila, e fá-lo com a isenção costumada.

Da nossa parte queremos somente arquivar o que há de factos, que possam interessar aos nossos leitores.

Sabido que se impõe a construção do novo edificio, é necessário saber-se qual o local onde deve ser construído.

Há um local, que já foi rejeitado por dois membros do governo: o local junto ao novo edificio dos Bombeiros.

Assim o declarou o Sr. Sub-Secretário das Obras Públicas, em despacho de dois de Maio, como já aqui dissemos.

Lemos, porém, em extracto da reunião da Câmara Municipal, de 20-5-957, no colega local, que idêntico despacho foi dado pelo Sub-Secretário de Estado da Educação Nacional.

Lê-se no citado extracto do colega local: "Foi presente um officio dos Serviços de Construções Escolares a transcrever um despacho do Sub-Secretário de Estado da Educação Nacional, em que se diz que o local junto ao novo edificio dos Bombeiros está, no Plano de Urbanização, destinado à construção de uma pousada de turismo, e a informar a Câmara de que ficam aguardando indicação de outro local para a construção das escolas da Vila, para, então, o vistoriarem".

Parece, pois, que do extracto da Câmara, citado, à Câmara cabe a indicação do local para a construção das escolas da Vila, o qual, lugar, conforme despacho de Sua Ex.ª o Sub-Secretário das Obras Públicas deve "ter em atenção o número de salas previsto no plano".

Se o extracto do colega local corresponde ao que se verificou na sessão camarária, ao governo não cabe nenhuma responsabilidade na morosidade da solução deste problema.

J. V.

# Da Vila

Novembro, 10.

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Não vamos agora aqui encarecer a necessidade da construção do edificio escolar desta Vila, pois essa necessidade é por demais conhecida, sabido que a velha "Escola Conde de Ferreira" se não caiu no momento em que escrevemos estas linhas... não perde pela demora, e, quanto ao casebre, ora arvorado em edificio escolar, seus baixos quere-nos parecer que estão indicados para canil municipal e o piso superior... para a criação em larga escala de ratos e outras alimarias quejandas. Para isto... talvez sirva, para escola nunca!...

Pelo que se diz, a não construção do edificio escolar desta Vila parece que é motivada pela falta do terreno. A gente ouve e... apenas acredita!!!...

Francamente, nós não compreendemos a razão porque o edificio escolar se não há-de levantar no mesmo local do antigo, pois parece-nos que aproveitando este e o respectivo quintal, se podia erguer ali um edificio de seis ou oito salas, enfim um edificio condigno e de que a nossa Vila tanto necessita.

Objectar-se-á que o movimento do trânsito... os arruídos... etc., etc., são prejudiciais ao ensino. São. Mas... se, por ex., para evitar tais cousas, em Lisboa se retrassem todas as escolas do centro para a periferia da cidade, certamente que a quase totalidade dos lisboetas seria estrangida a ficar analfabeta.

Finalizando, que quem de direito pense na melhor forma de resolver e quanto antes o premente problema escolar desta Vila (que bizantínicos só servem para entrar o progresso da terra...) são os ardentes votos que aqui formula o maçador

Crispino

**O milho... e o vinho** — Com estas epigramas, escrevemos em a nossa última carta duas locais que carecem dum ligeiro retoque, porquanto as mesmas não correspondem inteiramente à verdade.

Assim, o milho pelo qual se tem pedido 10\$00 pela medida de meio decalitro, é o velho, pois o novo tem-se vendido a 9\$00 a mesma medida.

Quanto ao vinho novo não se tem vendido a 3\$00, como dissemos, mas a 3\$40 o litro.

Valha a verdade e tão somente a verdade.

**Produtos de salchicharia** — A quem possa interessar, lembramos que os preços por quilograma dos produtos de salchicharia foram fixados para: toucinho, 15\$80; banha fundida (pingue), 16\$80; banha em rama (unto), 15\$60; chouriço de carne, 36\$00; fiambre, 54\$00; produtos enlatados, em Lisboa e na provincia, banha, 16\$80; fiambre, 54\$00; e chouriço, 36\$00.

Estar a par destas coisas... não faz mal.

**Falecimento** — Em casa de seu estremecido pai e nosso querido amigo sr. Manuel Pereira, probo proprietário da "Pensão Pereira", da Calçada, acaba de falecer, parece que vitimada pela "gripe asiática", a gentil menina Maria Adelaide Pereira, que era o enlevo não só do seu inconsolável pai e demais familiares, como também de toda a gente que a conhecia.

A toda a família enlutada, mormente àquele nosso amigo, apresentamos sentidos pêsames.

**Pelo tribunal** — Está vago o lugar de chefe de secção central do Tribunal desta Comarca, para provimento interino.

**Mercado semanal** — Os preços dos géneros do mercado que ontem se realizou nesta Vila, foram os seguintes:

Milho velho 10\$00, o meio decalitro; idem novo 9\$00, idem; centeio 10\$00, idem; feijão branco 14\$00, idem; feijão rajado 11\$00, idem; feijão frade 10\$00, idem; castanhas 6\$00, idem; galos, galinhas, frangos e franguinhos, desde 25, 20, 15 e 10\$00 cada, respectivamente; ovos a 12\$00 a dúzia; batatas a 1\$20 o quilo; cebolas a 1\$50 idem; maçãs desde 1\$50 a dúzia; nozes a 10\$00, o cento; e sardinhas a 5\$00 a dúzia.

**Dia de Finados** — No pretérito dia 2, dia em que a Igreja comemora os Fiéis Defuntos, realizou-se, nesta Vila, a tradicional procissão de romagem ao cemitério, que foi muito concorrida. Como nos demais anos, todos os jazigos, campas e mausoléus, estavam profusamente juncados de crisântemos.

**Septuagénario carbonizado** — Na noite de 24 para 25

**Casamentos** — Nascimento — Outras notícias.

Ora até que enfim, a gente moça da minha freguesia lá se dignou dar um ar da sua graça, no tocante ao sagrado nó matrimonial. Já era tempo...

Assim, em 27 do mês findo, realizaram, aqui, o seu casamento o sr. Carlos Alberto Alves e a sra. Isaura Elias de Sousa, da natural de Ponta da Barca e criada da sra. D. Amabélia da Cunha Sotto Mayor Martins Rodrigues, e ele filho dos lavradores-casieiros do sr. António Bento Domingues, do Arrochal, cujo acto foi parafinado pelo sr. Claudino Augusto Rodrigues e por sua Ex.ma Esposa. E em 3 do corrente também se concorriou, na igreja desta freguesia, o nosso amigo José Augusto Gonçalves com Ana Maria Rodrigues, filha do sr. José Adelino Rodrigues e da sra. Idalina de Jesus Gonçalves, cujo acto foi presidido pelo rev. P.e José Marques, por impedimento, devido a doença, do nosso rev. Abade.

Por outro lado, casou, em Lisboa, o nosso particular amigo, sr. José Lourenço Gomes de Sousa, muito digno funcionário da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, na referida cidade; e, no Porto, também se realizou, em 27 do mês findo, o enlace matrimonial da sra. Beatriz de Jesus Mendes Pinto, assinante do nosso jornal.

Aos novos lares, desejo as maiores felicidades, e que o Senhor, nosso Deus, seja sempre com eles os cubra de bênçãos, a fim de que possam ver os filhos de seus filhos até às terceiras e quartas gerações.

Na Maternidade da Misericórdia deste concelho, nasceu, em 27 do mês findo um lindo menino, filho do nosso prezado amigo sr. José Alípio Gonçalves e de sua esposa sra. Júlia Alice da Ribeira Gonçalves.

No mês findo, no lugar de Sá, da freguesia de Paços, manifestou-se incêndio numa casa de morada ocupada apenas pelo seu proprietário Manuel Alves, o "Carvalheira", viúvo de 79 anos, que morreu carbonizado junto a uma janela. O povo do lugar acorreu ao local, mas dado o incremento do sinistro já nada pôde salvar.

**O tempo e a agricultura** — Ventou, trovejou, choveu e saraivou violentamente, e até já nevou na serra. Faz agora um frio razoável, o que tudo não é de estranhar, pois dos Santos ao Natal... é inverno natural.

Nos campos, ainda se vê algum milho por esfolhar, mas só o dos cem por cento desmazelados.

# Prado, 9

# Sociedade

ANIVERSÁRIOS

Tanto a mãe como o recém-nascido, passam bem, com o que muito me congratulo.

Como nos demais anos, realizou-se aqui, no pretérito dia 5 do corrente, o aniversário das Almas do Purgatório, com missa de *Requiem*, a expensas da respectiva Confraria e em sufrágio dos irmãos falecidos e a clássica procissão de romagem ao cemitério. O tempo é que esteve implacável.

Tive o prazer de abraçar aqui o meu velho amigo sr. José Manuel Gomes Calheiros, muito digno condutor da C. C. F. de Lisboa. Mostra-se com saúde, força e vigor para dar vender; mas, foi-me dizendo que pagou a assinatura de «A Voz de Melgaço» do corrente ano duas vezes, Tomou-se nota para o ano próximo.

Retirou para Lisboa o nosso Ex.mo Amigo Sr. Alípio Gonçalves, que na sua vivenda, em S.to Amaro, passou cerca de dois meses.

Na minha última carta, talvez devido à «asiática», o nome e parte do apelido de Rosa Domingues, que assim se chamou a extinta, ficou no compededor. Coisas que acontecem...—C.

P. S. — Na sua casa de residência, esta no lugar dos Bouços, adormeceu na paz do Senhor, o nosso muito rev. do Abade sr. P.e Firmino Augusto Gonçalves, natural de Loviô, Roucas, filho de António Gonçalves Meleiro e de Maria Rosa Esteves, que há cerca de 25 anos parouquiava esta freguesia.

O saudoso extinto, era um sacerdote muito piedoso e zeloso no cumprimento do seu múnus, e crêdor da estima de todos os seus fregueses.

Paz à sua bela alma e a toda a família enlutada, nomeadamente a suas irmãs e a seu irmão sr. dr. Manuel Joaquim Gonçalves, em meu nome e em o de «A Voz de Melgaço» apresento muito sentidos pêsames.—C.

**Fizeram anos:** — No dia 2 a sra. D. Isaura Augusta Marinho Pereira, os srs. José Lourenço Gomes de Sousa e Oceano (Atlântico Ribeiro) e o menino Luís Filipe Gonçalves; no dia 4 o sr. José Henrique Pinheiro Calheiros; no dia 9 o sr. Raúl Ferreira Cardoso e a menina Maria Luísa Domingues Soares; no dia 11 o sr. António de Araújo Júnior e o menino Nelson Rodrigues; no dia 13 o sr. Armando Urbano de Araújo, e no dia 15 a sra. D. Olímpia de Sousa Lobato Pereira.

**Fazem anos:** — Amanhã os srs. Domingos Lourenço Alves da Silva e Manuel Maria Pereira Júnior; no dia 17 o sr. eng. Marcelino Ilídio Vilarinho Pereira da Rocha; no dia 18 a menina Maria Helena de Magalhães Fernandes Pinto e o sr. Manuel Esteves Cordeiro; no dia 20 a menina Esperança de Sousa Lobato; no dia 21 a sra. D. Maria Amália Fernandes de Sousa, o sr. Martins Lourenço e o menino Américo José Gonçalves Merim; no dia 25 os srs. Gaspar de Oliveira Figueiredo e Manuel Félix Igrejas; no dia 26 a sra. D. Josefina de Vasconcelos Mourão Passos Alves; no dia 27 a sra. D. Rosa da Conceição Alves e o sr. Firmino Alves Salgado; no dia 28 a sra. D. Isolina Rosa Rodrigues Gomes e o menino Francisco Pereira Rodrigues; no dia 29 a sra. Diná Domingues de Sousa Lobato.

## Parada de Monte, 10

**Partidas** — Para o Brasil embarcou no dia 5 o nosso prezado amigo sr. Justino Alves, industrial no Rio de Janeiro. O nosso grande amigo, que há 6 meses tinha vindo de visita à sua irmã e sobrinha, deixou em cada pessoa um amigo sincero, um amigo dedicado. Ao nosso amigo desejamos que tivesse uma boa viagem e que daqui por alguns anos nos torne a visitar.

**Gripe asiática** — Está grassando com grande intensidade a gripe asiática nesta freguesia, mas com carácter benigno. Pois felizmente por enquanto não tem havido nenhum caso fatal.

Terminou o mês do Rosário com a Igreja quase sempre cheia de fiéis. Terminou com um tríduo e o

(Continua na página 4)

Ici Paris

«Nós, os jovens de agora»

O Passado enganou-me; o presente atormentou-me; o porvir espanta-me,—palavras que se acharam pintadas no braço de um mendigo sentimental de quarenta annos, que sofria o seu oitavo encerramento na prisão de Courges cá em França; e baseado neste pensamento vos transmitto este artigo: Nós, os jovens de hoje.

Muitos jornais, através de alguns brilhantes colaboradores de França e outras nações, têm-se insurgido contra o que consideram um dos maiores males que afec-

tam a humanidade, chamando-lhe muito filosoficamente a derrocada da juventude de hoje.

Ora a gravidade do problema obriga alguém, que pertença a esse grupo de onde sairão os homens de amanhã a expôr a sua defesa, já que, até à data, só acusações tem sofrido.

Afirma-se a cada instante que a mocidade de hoje relega para plano secundário os problemas sociais, só se interessando pelos futebóis, cinema e leveidades de espirito e morais mas pior esta última que trás os jovens do nosso tempo mergulhados neste terrível lamaçal.

Para muitos homens, a ideia de que da juventude de hoje nada há a esperar, é de facto uma triste realidade. E sentença após sentença, condenação após condenação, o mundo vai sepultando a juventude, chegando ao ponto de esquecer que os rapazes de hoje serão os homens do futuro.

E' verdade que os jovens da actualidade são o que me consta, um pouco diferentes do que eram os nossos antepassados, quando na sua adolescência. Daí ao ponto de se considerar a juventude de hoje pior, vai um extensíssimo passo.

Os tempos mudaram. A vida passou a ser de materialismos e de ambições nesta época em que tudo é velocidade e a corrente da gente moça cedo começa a compreender que o mundo não é formado por sonhos nem euforias.

A juventude de hoje, num aspecto geral é criada de forma diferente daquela em que foram os nossos avós.

Hoje, grande parte das mulheres dividem as suas horas entre o lar e o emprego. Daí surge uma maior liberdade nas crianças, a quem durante um longo periodo do dia são furtados os cuidados e carinhos da mãe.

Vai longe o tempo em que o rapaz ou a rapariga de 10 anos, ainda acreditava no «Pai Natal» e nas informações deliciasntes que os seus pais lhes davam acerca de muitos pormenores da vida.

Será justamente por isto que se informa (que a juventude de hoje caminha para o auge das descrenças e velocidades?

Eu, jovem de hoje como muitos outros e presentemente longe da mãe pátria em terras de França, ao esboçar a nossa defesa

de que tanto (carecemos, quero pedir ao mundo que nos faça justiça e não nos amesquinhe.

Hoje, como ontem e como sempre, os homens terão a sua personalidade, sem ser preciso menosprezar aqueles que os substituirão em todos os capítulos da vida. E o mundo continuará, como continuou, a ter os seus génios, nas ciências, nas artes ou nas acções, pois se os métodos mudaram, só foram benéficos, por acompanharem o desenvolvimento da vida.

Poderíamos e devíamos aprofundar estes elementos, a que têm deitado mão todos os homens que querem condenar a nossa causa — ou elevar-se a si próprios. — Porém, o espaço curto de que disponso no nosso jornal impossibilita-nos de tal, pois o assunto estender-se-ia por longa caminhada de ideias firmes, inexas à justiça e á verdade.

Queremos, porém, antes de pôr termo a este trabalho, pedir a todos aqueles que tão tenazmente acusam a juventude de hoje, de inefficaz, para pensarem um pouco mais sobre (ão melindroso assunto e depois pronunciarem-se, cabal e justiciosamente, porquanto o caso, como tem sido apresentado e exposto, torna-se gravíssimo, não só pelo descrédito que causa (nos jovens, como pela descrença que dos mesmos se apodera.

¶ FIM

Sebol

Paris, 21-9-57

Filões, 12

*Partidas*—A retomar as suas funções partiu para Carrizado de Anciães, o querido amigo Dr. José Bartolomeu Rodrigues, que em gozo de férias se encontrava no lugar da Adavelha.

Que falta nesta terra nos faz...

—Para o Brasil, também partiu no dia 11, o Ex.mo Sr. José Joaquim Martins e sua Ex.ma Esposa D. Alzira Martins, os quais levaram na sua companhia a menina Maria Helena Martins, sua sobrinha.

Depois de vários meses, durante os quais percorreram as principais Nações da Europa, regressaram á segunda Pátria, aonde honradamente conseguiram amearhar grandes bens de fortuna.

A pedido do nosso Pátria a quem dedicaram grat. de amizade, no dia de despedida, ofereceram-lhe um relógio para a Capela da Aidedela. Bem hajam e que Deus lhes pague, (tão grande beneficio para esta fre-

PARIS!

(Continuação da primeira página)

eram os sonhos de seus senhores. Aquilo que de melhor os homens puderam fazer nos vários ramos das suas actividades, ali estava profusamente, esplendorosamente. Não faltava a capela.

Ali vimos a mesa em que foi assinado o armistício no fim da primeira guerra. E o guia, ao despedir-se de seus alunos, terminou com estas palavras: "e puderam ver como era grande tudo o que os reis de França fizeram". E era verdade.

No frontespício desse famoso palácio pudemos ler as palavras:— *A todas as glórias da França!* Os jardins, os lagos, tudo ali era grande. E afinal tudo passou. Os reis que fizeram a França e a fizeram grande, todos passaram também. As glórias deste mundo...

\* \* \*

Fomos então juntar-nos aos rapazes da nossa terra, que áquella hora já deviam estar a acabar os seus trabalhos. Fomos até junto deles e, mais uma vez, pudemos ver como é grande a devoção da nossa gente por Santa Rita.

Aqui encontramos os irmãos Cerqueiraes de Alcobaca, que tanto nos estimaram. Uma familia modesta, mas que tão bem sabe receber e dar! Não nos deixaram fazer mais nada, sem primeiro irmos merendar nas suas barracas. E fomos. Não nos faltou nada, graças a Deus. Vinho, presunto, sardinhas de conserva, etc.. E ali vieram mais rapazes. Eram quase todos dos lados de Alcobaca, Gavião, Vido, Portelinha e Parada.

Fálamos mais uma vez das nossas terras. Levantamos mais uma vez as nossas taças e brindamos. Não esquecemos Deus, o centro e a vida, o Pai de todos nós. Fez-se a colecta para Santa Rita e apuraram-se 65.000 florinhãs. De António Alves, 5.000; de Oliveiros Domingues, 10.000; de Armando Geraldés, Alcobaca, 5.000; de Herculano Domingues, Vido, 10.000; de Justino Lourenço, de Parada do Monte, 5.000; de Almerindo Domingues, Portelinha, 5.000; de António Afonso, do Gavião, 5.000; de Manuel Afonso Cerqueira, Alcobaca, 5.000; de Manuel Esteves, de Portelinha, 5.000; de Joaquim Augusto Afonso, Portelinha, 5.000; de Armandino Augusto Afonso, 5.000.

E tudo isto foi dado com infinita alegria.

Quero recordar aqui a todos. A alguns deles, pude um dia fazer algum bem. E como mo retribuiram! Oh! Como vale a pena fazer bem...

Amigos, de Versalhes, afinal, amigos da minha terra, que Deus vos pague! Que Santa Rita, por Quem todos trabalhamos, vos ajude.

E foi este um dos grandes dias que passei em França, com gente da minha querida terra.

Ao inesquecível Manuel Meixeiro, o companheiro dedicado destes dois dias, a minha profunda gratidão.

P.e Carlos

guesia. Em reconhecimento, no domingo, dia 19, foi celebrada a S. Missa, para que tenham boa viagem, ao que se associaram todos os conterrâneos.

*Chegadas* — Estão, a chegar de França, os homens, que ali se encontram, para com as suas familias passarem a quadra do Natal.

*Baptizado* — No dia 26 foi baptizada uma criança do sexo feminino á qual foi posto o nome de Maria Alberta, filha de Porfirio Alves e Maria Alves, do Soutomendo. Foram padrinhos Augusto Marques, G. Fiscal e sua esposa Rosa Afonso, do mesmo lugar.

*Tempo* — Depois de uma semana de chuva, muito forte, veio o frio, tendo ap-

*Grip*—A «Asiática», também cá chegou, tendo levado ao leito bastante gente. Felizmente, não há vítimas a lamentar.—C.

Cartas ao Director

(Continuação da 1.a pag.)

Rouças, sim esquecida perante as autoridades concelhias? Não será do concelho de Melgaço? Não paga as suas contribuições? Pois julgo que a nossa freguesia devia ser mais recompensada do que é sempre cumprida e cumprirá com os seus deveres perante o concelho e Estado Novo.

Toul, 1 de Novembro de 1957  
Victor Alves

## Importantes obras realizadas e a realizar na freguesia de Fiães

no próximo ano

### 89 contos para as primeiras obras de restauro do Convento

Desde 1946 está à frente da paróquia — histórica freguesia de Fiães o querido filho deste concelho, padre Manuel Lourenço, freguesia, a que, há poucos anos, a emigração trouxe possibilidades de grandes realizações.

Entretanto, e devido à piedade dos fiéis e ao interesse pastoral do pároco, podemos apresentar aos nossos leitores este lindo mapa:

RECEITA	
1946 — Peditório	1.870\$00
1947 — Cortejo Oferendas	15.000\$00
1954 — Peditório	1.200\$00
1954 (Para a Capela de Adedela) — Peditório	3.200\$00
1951 (Para a Capela da S. da Vista) — »	2.800\$00
1955 — Viagem à França, deduzidas as despesas e incluindo 20.000 francos que ainda não foram entregues	25.900\$00
<b>Soma</b>	<b>49.970\$00</b>
Esmolas da Páscoa, C. Adedela e sobras da festa de S. Bento (vários anos)	
	25.300\$00
	<b>72.270\$00</b>
DESPESA	
1 — Muro do Passal	7.000\$00
2 — Sobrado do Convento	1.850\$00
3 — Imagens da S.ª de Fátima e S. António	4.590\$00
4 — Missão em 1947	1.500\$00
5 — Bandeiras de S. Bento e S. C. de Jesus	1.620\$00
6 — Guião, 3 casulas e cruzada	2.750\$00
7 — Bolsa do cálix e véus para o mesmo	300\$00
8 — Bancos da Igreja	2.800\$00
9 — Manto do Senhor, Sermões de 5.ª feira Santa, Azeite (12 anos), Rev. Acção Católica	9.690\$00
10 — Sino do Convento (todas as despesas)	9.000\$00
11 — Cozinha de ferro para a Residência	1.300\$00
12 — Obras da Residência e yasilhame	12.600\$00
13 — Obras da Capela da Adedela em 1954	7.000\$00
14 — Obras da Capela S. da Vista	3.800\$00
15 — (Em caixa) Torre Adedela iniciada	10.500\$00
<b>Soma</b>	<b>75.300\$00</b>

Estas as obras realizadas de 1946 a 1957, ano este, que ainda não findou.

O ano de 1958 apresenta-se, já auspicioso. Veja-se o número e o volume das obras:

- reconstrução do histórico Convento, obras que se vão iniciar no próximo ano, conforme o Ministério das Obras Públicas comunicou ao rev. do padre Manuel Lourenço, em 5 deste mês de Novembro, prevendo já 89 contos para as primeiras despesas;
- colocação de dois relógios de torre: um na capela da Adedela, oferta do Sr. José Joaquim Martins e Ex.ª Esposa, D. Alzira Martins, oferta feita a pedido do rev. do pároco, e outro relógio no Convento, para o qual concorrem já os lugares do Alto com 10.000\$00, sendo o resto adquirido pelo pároco; e
- aquisição dum sino para a Capela da Adedela, no valor de 8.000\$00, contribuição voluntária e amiga dos lugares da parte de baixo da freguesia.

Estas últimas aquisições — relógios e sino — foram anunciadas pelo pároco nas missas dominicais do passado dia 10, e logo, ao terminar da Santa Missa, os paroquianos lhe disseram, clara e inofensivamente que podiam contar com eles.

Como filho de Fiães, não posso deixar de registar, com intensa alegria, as realizações já acabadas e aquelas que se anunciam para breve.

Ao governo da nação os nossos agradecimentos pela obra de restauro do Convento; ao rev. do pároco, padre Manuel Lourenço, e aos seus queridos e dedicados paro-

## Efemérides

Em 1 de Novembro de 1903, foi fundado o Centro do Apostolado da Oração da Vila, restaurado em 30 de Outubro de 1921. Paroquiavam a referida freguesia, na primeira das datas, o rev. do Manuel José Domingues e na segunda o rev. do Celestino de Figueiredo.

Em 8 de Novembro de 1722, Pedro Gonçalves, de

### Penso, 9

Passou o dia dos fiéis defuntos, dia da visita aos nossos queridos que se encontram à sombra da cruz. Nas sepulturas só se viam flores, recordação e saudade daqueles seres.

Dia de luto, quantos o ano passado foram ao cemitério fazer as suas visitas pelos seus e hoje, estão juntos com eles!

Por isso, num Cantinho da campa da igualdade lixe: nós cá estamos e por vós esperamos. Ninguém pensa nisso, porque se todos pensassem não havia tanta falta de caridade como há. Não vale a pena ser velho ficando a não fazer caso deles, mas descansem que todos nós caminhamos para a velhice!..

Recolheram-se os frutos que Deus nos deixou. No milho houve desfalque bastante, no vinho para menos de metade do ano passado. O seu preço actual é de 1.500\$00 os 500 litros.

—No lugar do Crasto faleceu Júlia Alves, com 78 anos de idade. Era solteira. O seu funeral foi concorrido.

—Encontra-se na nossa presença o nosso dedicado assinante António Fernandes Dias, gerente da Pastelaria Marques, na Capital, junto com ele sua filha e esposa, que para não caírem saudades, deviam estar por aqui muito tempo.

—Regressou à Capital o nosso bom amigo e assinante Alberto José Esteves, acompanhado com sua esposa e filho. —C.

Galvão de Baixo, remiu uma escritura de dívida de 6.000 reis que, em Junho de 1710, havia contraído à Confraria do Senhor da Vila. Este Pedro Gonçalves aparece-nos como testemunha na escritura da fundação do Morgadio de Galvão, outorgado em 16 de Dezembro de 1703.

Em 9 de Novembro de 1824, o rev. do João Benevenuto da Silveira Costa, professor na Ordem de Cristo, abade de S. Tiago de Sampriz, Ponte da Barca, visitador das Igrejas da Segunda Parte de Valença, etc., visitou a Matriz da Vila de Melgaço, então ainda paroquiada pelo rev. do Carlos Domingues.

Em 10 de Novembro de 1829, em Monção, o dr. Manuel Lopes de Figueiredo, desembargador da Relação do Porto e provedor e contador da Real Fazenda na comarca de Viana por Sua Magestade Fidelíssima que D. S. G. de, tomou contas aos mordomos da Confraria da Senhora do Rosário da Vila, do ano anterior, tendo achado de líquido 22.529 reis.

Em 12 de Novembro de 1797, o dr. António de Castro Sousa Menezes Sarmento, filho primogénito do morgado de Galvão, Matias de Sousa e Castro Menezes, embarcou para Vila da Praia, Ilha Terceira, a fim de assumir o cargo de juiz de fora daquela Vila, para que fora despachado por alvará régio de 11 de Fevereiro de 1795.

Em 13 de Novembro de 1913, o capitão de infantaria Raimundo Enes Meira, governador civil do distrito de Viana do Castelo, visitou oficialmente o concelho de Melgaço.

Em... por hoje, forçoso me é pensar por aqui, pois está esgotado o reportório.

Mário

quianos nossos parabens pelo amor que dedicam à linda terra de Fiães.

Dinheiro adquirido na Câmara por influência do Pároco

Fonte de V. do Conde	4.000\$00
da Adedela	5.000\$00
de Soutomendo	1.500\$00
Caminhos	5.500\$00

16.000\$00

Bem hajam.

JULIO VAZ

## Na encruzilhada do destino

(Continuação da 1.ª pag.)

De repente, levanta o braço e trémulo grita:

—Ali! Ali, Sr. Martinho! Naquela janela!

Martinho olha ao sinal do velho criado. Ambos ficam assombrados e perplexos. Com efeito, o 'povo dizia desta vez a verdade; tinha portanto, razão..

—Se não me engano era uma luz, pois 'não era?

—Também julgo que sim. Cada vez se confirmam mais as minhas suspeitas.

—O povo não costuma a mentir; quando diz.. sabe.

—Nem sempre, meu bom João. Sei-o muito bem..nem sempre são verdadeiras as suas afirmações sobre isto ou aquilo. Formam as suas ideias mas à custa das de outros e depois lançam-nas com ares de presumidos conselheiros. E' tudo o mesmo.

Mas.. saiamos, saiamos. Não me estou a sentir lá muito bem.

—Ah, Senhor! Então? Sempre é certo?

—O quê?

—Que..

—Que!?

—Que acontece alguma coisa no Solar? Acaso aque-la luz..

O companheiro já ali não estava. A ideia de.. sim; porque a notícia do Gomes boticário não deixava de ter o seu quê de seriedade. O Ricardo.. o Ricardo.. era possível? Não podia ser caso contrário os seus planos frustrar-se-iam. Não; ele não voltara.. assim o pensava.

(Continua)

## Parada do Monte, 10

(Continuação da 2.ª pag.)

Senhor exposto durante 24 horas. Quase toda a gente se confessou e comungou, encerrando-se assim este ciclo na paz de Deus.

**Romagem ao Cemitério.**— Foi no dia 2 que se realizou a romagem ao Cemitério onde todos foram visitar os seus mortos e derramar-lhe uma lágrima de saudade; rezar-lhes uma prece, uma oração. O cemitério estava ornamentado com flores naturais e artificiais, não havendo uma sepultura que não estivesse engalanada.

**O tempo e a agricultura.**— Custou-lhe a vir a chuva tão almejada, mas sempre veio. Pois choveu torrencialmente e ventou um vento ciclónico, que parecia que queria levar tudo na sua frente. Por isso já os nossos lavradores estão mais contentes que já tem mais esperanças de pasto para os gados. —C.